

Paula Peixoto

**António Lopes Figueira -
entre Portugal e Brasil**

Resumo

A forte torrente emigratória para o Brasil no período oitocentista gerou o *brasileiro*, vocábulo muito divulgado no séc. XIX, criado pelos portugueses para designar os compatriotas que regressavam com uma notável história de sucesso.

Neste trabalho damos a conhecer a história de vida de um *brasileiro*, António Lopes Figueira, que emigrou para o Brasil em 1876. Apresentamos uma leitura analítica da herança arquitetónica que nos deixou, testemunhada pela interessante vivenda que mandou construir em Portugal e cujo projeto serviu para dar vida a uma outra construída no Brasil. Estas edificações traduzem as concepções arquitetónicas do séc. XIX, que davam resposta à concretização das aspirações de uma burguesia que, enobrecida ou endinheirada, desejava através das suas casas evidenciar o estatuto alcançado.

Palavras-chave: António Lopes Figueira; arquitetura; século XIX; palacete

Résumé

Un fort courant d'émigration vers le Brésil dans la période du XIX^{ème} siècle a généré le surnom brésilien, créé dans le milieu de ce siècle et utilisé par les Portugais pour se référer à ses compatriotes de retour avec des fortunes lourdes du Brésil.

Terre de nombreuses ressources naturelles, le Brésil est devenu, dès les premiers colons, une région presque légendaire en tant que source de richesse. Considéré comme une extension du Portugal, le Brésil était une sorte de « patrie alternative » pour de nombreux portugais qui ont quitté son pays à la réalisation d'une vie réussie. Lorsqu'atteint, ce succès a été reflété dans le domaine de l'architecture avec la construction des hôtels remarquables au Brésil et en particulier au Portugal, où ils ont fait en sorte de bénéficier de sa nouvelle richesse.

C'est intéressant d'apercevoir que l'architecture coloniale de l'Amérique latine, portugaise ou espagnole, était l'extension architecturale de leurs villes, bien que plusieurs auteurs considèrent qu'il y a une plus grande homogénéité de l'architecture brésilienne pour le Portugal que l'Amérique espagnole pour l'Espagne.

Le but de cet article est faire une analyse de l'histoire de la vie d'António Lopes Figueira, qui a émigré au Brésil en 1876, et du témoin de l'architecture intéressante du palais qu'il a construit au Portugal et dont le projet a servi à donner la vie à un autre construite au Brésil. Si le palais qui António Lopes Figueira a soulevé au Portugal est encore aujourd'hui en très bon état, le palais qui a été construit au

Brésil a été moins chanceux parce qu'il a été détruit dans les années 70 du siècle XX.

Mots-clés : Antonio Lopes Figueira; architecture; XIX^{ème} siècle; hôtels

É estranho que, sendo o mar uma língua que nos uniu, tivesse hoje que marcar distância tão grande. Éramos mais vizinhos: hoje somos parentes antigos de quem merecemos a herança, mas não sei se a aproveitamos bem.

A. Bessa-Luís, Breviário do Brasil, 2012

A diáspora oitocentista para o Brasil que envolveu um sem número de portugueses criou um novo tipo social, o *brasileiro*, designação popular atribuída aos emigrantes que, regressados a Portugal, eram portadores de avultadas fortunas associando ao êxito económico a conquista de um estatuto que lhes abriu as portas a um meio de elevado nível social.

Terra de inúmeros recursos naturais, o Brasil tornou-se desde os primeiros colonizadores uma região quase lendária como fonte de riqueza. Considerado como um prolongamento de Portugal, era uma espécie de "pátria alternativa" para inúmeros portugueses que partiam à conquista de uma vida de sucesso. Quando alcançado, este sucesso traduziu-se no campo arquitetónico na construção de admiráveis moradias no Brasil e principalmente em Portugal, onde faziam questão de usufruir da riqueza amealhada.

António Lopes Figueira foi um dos inúmeros portugueses que ao longo de oitocentos emigraram para o Brasil em busca de fortuna e prestígio. Nascido a 11 de novembro de 1865, na região norte de Portugal, na freguesia de Rio Mau, concelho de Vila do Conde, era o mais novo dos quatro filhos de Manuel Lopes Figueira, agricultor, e de Rita de Jesus da Silva. A sua família vivia na aldeia de S. Cristóvão de Rio Mau numa casa à frente da qual existia uma figueira. Por este motivo a família Lopes era conhecida pelos conterrâneos por "Lopes da Figueira" passando, assim, o nome da árvore a fazer parte do sobrenome da família.

O percurso de António irá ser diferente do dos seus irmãos, Joaquim, José e Domingos que vão permanecer em Portugal. António parte muito jovem para o Brasil, apenas com 11 anos¹, a convite de um tio e padrinho, Joaquim da Silva Fortuna que terá ido para o Brasil por volta de 1860 e a quem a sorte sorriu. Em Salvador da Baía o

* Paula Peixoto – Professora da Universidade Lusíada (Portugal)

¹ Agradeço ao Cepese (Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade) a informação sobre o passaporte de António Lopes Figueira. Segundo a base de dados desta Instituição o seu passaporte terá sido emitido em 19 de dezembro de 1876, o que confirma a tenra idade com que emigrou.

tio coloca-o num colégio, considerado o melhor da cidade "...concluindo o curso de Humanidades no colégio Sete de Setembro"². Posteriormente ingressa no comércio e funda na Baía a fábrica de calçado *Trocadero*³. Quando o "velho Fortuna" ou "Fortunão", como também era conhecido, morre, a maior parte do seu avultado património fica para o seu sobrinho e afillhado. António, grato pelo valioso e constante apoio que, desde a sua infância, o tio sempre lhe dedicou, homenageou-o mais tarde, mandando edificar um mausoléu na freguesia de Tougues, Vila do Conde, aldeia natal de Joaquim Fortuna.

Em 1894 António casa com uma senhora baiana Elisa Kelsch de ascendência francesa, de quem teve seis filhos: Álvaro, Helena, Eduardo, Jaime, António e Cármen. A todos eles conseguiu dar uma esmerada instrução, tendo preferido Inglaterra para os filhos varões e França para as duas filhas, para dar continuidade a uma prestigiada formação da sua prole. António Figueira é mais um dos muitos exemplos de *brasileiros* que investiram na educação dos filhos, tornando-se muitos deles figuras ilustres nos mais variados domínios. Helena e Cármen, as duas filhas de António, estudaram nas proximidades de Paris, no Liceu francês de Fontainebleau, cidade que parece ter tido

peso na escolha do programa arquitetónico das casas que o *brasileiro* mandaria edificar. Com efeito, numa das muitas viagens efetuadas a França, António Figueira encomendou o projeto de uma casa que utilizaria na construção de duas vivendas: uma em Portugal, na sua terra natal, e outra no Brasil, em S. Salvador da Baía, onde, como



Figura 1 - Casa na Av. Oceânica

² Genealogia compilada no Rio de Janeiro em junho de 1960 por José Fortuna Andrea dos Santos que se encontra na posse da família.

³ Informação cedida por Maria Caetana Cintra Santos, bisneta de António Lopes Figueira.

referimos, se tinha estabelecido. Construídas aproximadamente na mesma altura, entre 1911/13, a casa do *brasileiro* na Baía teve menos sorte que a sua congénere portuguesa, dado que foi objeto de demolição⁴, sendo apenas possível comprovar a sua existência através dos testemunhos de familiares de António Figueira⁵ e de uma fotografia, única imagem que foi



Figura 2 - Villa Figueira, Rio Mau

possível obter⁶ (fig.1). Pelo contrário, a casa que o *brasileiro* construiu em Portugal,



Figura 3 - Villa Figueira, Rio Mau. Fonte: SILVA, M.; ARÉAS, V. (Dir. – Admin.). Ilustração Nacional, nº. 2, julho de 1919

apresenta, atualmente, um bom estado de conservação⁷ que permite identificá-la como o edifício que mandou edificar e a que deu o nome de *Villa Figueira* (figs.2 e 3).

António Figueira terá utilizado a casa de Rio Mau a “curtos intervalos”⁸, ocorrendo a sua última estadia em Portugal no ano de 1920 quando sua mulher, muito doente, mostrou vontade de regressar ao Brasil. Suspeitando do breve fim de Elisa e com receio que deitassem o corpo ao mar, incluiu uma urna na bagagem que transportava no navio. Lamentavelmente a sua suspeita confirmou-se, tendo Elisa Figueira falecido durante a viagem a 28 de dezembro de 1920, sendo transportada na urna

até ao Brasil. António Lopes Figueira sobreviverá a sua mulher apenas dois meses, falecendo na Baía em fevereiro de 1921.

⁴ Apesar das diligências efetuadas junto do Arquivo Público do Estado da Bahia, Salvador (APB), não conseguimos, lamentavelmente, obter qualquer tipo de informação.

⁵ Ana Ferreira Figueira, António Vargas de Oliveira Figueira, Maria Caetana Cintra Santos, Maria Amélia Menezes Santos e Roberto Figueira Santos, descendentes de António Lopes Figueira, forneceram importantes dados biográficos para a elaboração deste trabalho.

⁶ Esta imagem foi gentilmente cedida por Caetana Cintra Santos.

⁷ De louvar o interesse e empenho dos atuais proprietários Mónica Oliveira de Azevedo e Pedro Graça de Matos na preservação da *Villa Figueira*.

⁸ Informação de Maria Caetana Cintra Santos.

A Villa Figueira

O projeto encomendado por A. Figueira a um arquiteto francês faz pensar que o *brasileiro* não orientou tanto as suas ideias na trilha dos *chalets* como os que terá visto nas viagens que, certamente, terá feito pelo litoral francês, onde as estâncias balneares eram moda e por onde este tipo de construção se espalhou na segunda metade de oitocentos, nem como os que terá visto no Brasil onde tiveram particular significado, na década de 80 do séc. XIX⁹. O aspecto final da casa de A. Figueira na Baía, inseria-se a meio caminho dos *hôtels privés* (tipo de palácio urbano) e das *villas*, os dois tipos de construção burguesas mais ricos em França¹⁰. Esta construção não se afastava do que naquela época se produzia no Brasil, aparentando-se com a arquitetura eclética de construções presentes, por exemplo, nos álbuns de César Daly (1811-1894). Este arquiteto francês oitocentista foi editor de obras de extrema importância nos dois lados do Atlântico, que serviram de inspiração a vários projetos, como os do conceituado escritório brasileiro do arquiteto Ramos de Azevedo¹¹.

A alteração do projeto da Avenida Oceânica na Baía, local escolhido por António Figueira para aí edificar a sua casa de veraneio, levou para desgosto do *brasileiro*, a alterações do seu projeto. De facto, as alterações da fase conclusiva da Avenida Oceânica obrigaram a uma adaptação do projeto inicial do edifício, alterando para sempre a fachada. Sabe-se, por exemplo, que a grande e elegante escadaria em leque de acesso à casa que fazia parte do projeto inicial e que tanto agradava ao brasileiro, não pôde ser construída. O espaço que era exigido para esta escadaria e a área que em torno dela fazia a separação entre o espaço exterior privado e a via pública, ficaria para sempre alterado devido ao traçado da nova avenida.

Será somente em Portugal que o *brasileiro* terá conseguido concretizar na totalidade o projeto vindo de França.

⁹ "Em maioria os chalets eram de 1875 a 1895, com a concentração máxima na década de 80, e quase total supressão no princípio do século, quando o código de polícia proposta por Alvarenga Fonseca (1900), em defesa da estética lhes proibia o uso na zona urbana (artigo 32)". SANTOS, Paulo F. 1981, pp. 68-69.

¹⁰ Cf. M. HOMEM, 1996

¹¹ Cf. LEMOS, 1985, p.101

A casa que construiu em Rio Mau é um edifício isolado, construído no centro do lote, com a fachada principal virada a Nascente, por onde passa a estrada nacional 206 (fig.2).

Uma revista coeva referindo-se à casa do *brasileiro* caracteriza-a como "...*mimo de construção moderna, estilo francês elegante, onde a luz e o ar vitalista lhe dá a nota álaçre duma vivenda chic, no centro encantador onde orgulhosamente se estadeia a Natureza numa vegetação luxuriante e privilegiada*"¹². Qual a extensão e significado deste referido "estilo francês elegante"? Antes de mais, podemos dizer que da aptidão arquitetónica do autor da casa e da vontade do *brasileiro* nasceu uma construção cenográfica, de fortes valores picturais. O pitoresco¹³ que se revela na diversidade de diferentes estilos encontra-se aqui fortemente representado. Encontramos os beirais do *chalet* suíço, as torres a lembrar a *villa* italiana e ainda um mirante, pórticos, amplas varandas e alpendres que insinuam inspiração indiana¹⁴. Estes elementos, espaços intermédios entre o interior e o exterior, entre o privado e o público demonstram, à sua vez, uma preocupação pelo cenário natural, característica importante do ponto de vista pitoresco¹⁵.

O *chalet*, filho querido dos Alpes, fazia parte deste quadro intimamente ligado ao pitoresco. Ao longo do século XIX verifica-se neste tipo de construção uma contaminação de outras linguagens e outros materiais (a madeira passa a conviver ou a ser substituída pela pedra, tijolo...), levando a certas dificuldades na sua caracterização¹⁶. Cremos, pois, que a leitura de alguns edifícios como esta casa do

¹² SILVA; ARÊAS, 1919, p.50

¹³ A ideia do pitoresco é uma ideia cabalmente desenvolvida já no séc. XVIII e que se encontra presente, por exemplo, na irregularidade, na variação de formas e cores ou ainda na união de elementos arquitetónicos e naturais. É neste contexto que se insere o interesse pelos Alpes suíços nas últimas décadas do séc. XVIII "Au XVIII siècle déjà, la noblesse allemande et anglaise en villégiature dans les Alpes suisses avait découverte l'architecture "primitive" de la Suisse...", ALLENSPACH, 1999, p. 36

O maciço transalpino foi alvo de atenção quer de naturalistas e geógrafos que o cartografaram, quer de pintores que o retrataram, ou ainda de jardineiros-paisagistas que o tentaram recriar "oferecendo" "bocados de paisagem", conduzindo a um imaginário com grande poder de sedução.

¹⁴ Cf. HITCHCOCK, 1993, p.379

¹⁵ O jardim inglês constitui a mais antiga manifestação do pitoresco. Sendo um jardim que se opõe ao formalismo do jardim francês, pretende obter a impressão da paisagem natural, ligando-se ao conceito de origem chinesa do 'selvagem artificial'. Cf. CAMPOS, 2008, pp.48-49

¹⁶ "Au XIX siècle, la migration des chalets a entraîné l'hybridation progressive de leur architecture devenue presque méconnaissable au seuil du XX siècle. En s'acclimatant à la ville, elle a assimilé dans le désordre tous les styles appréciés des citadins, à tel point qu'il deviendra très vite difficile de discerner un chalet d'une quelconque villa", VERNES, 2006, p.5.

brasileira, se prende definitivamente com o problema de mestiçagem de linguagens que, no seu ecletismo, induz a uma falta de clareza de terminologia: *chalet*¹⁷, *villa*...

Recorde-se que António Lopes Figueira encomendou o projeto da sua casa em França e quem quer que tenha sido o seu autor estava imbuído deste formulário eclético. Se compararmos a *villa* Figueira com uma estampa que encontramos de uma outra *villa* em Fontainebleau da autoria do arquiteto E. Brunnarius (1857-1901)

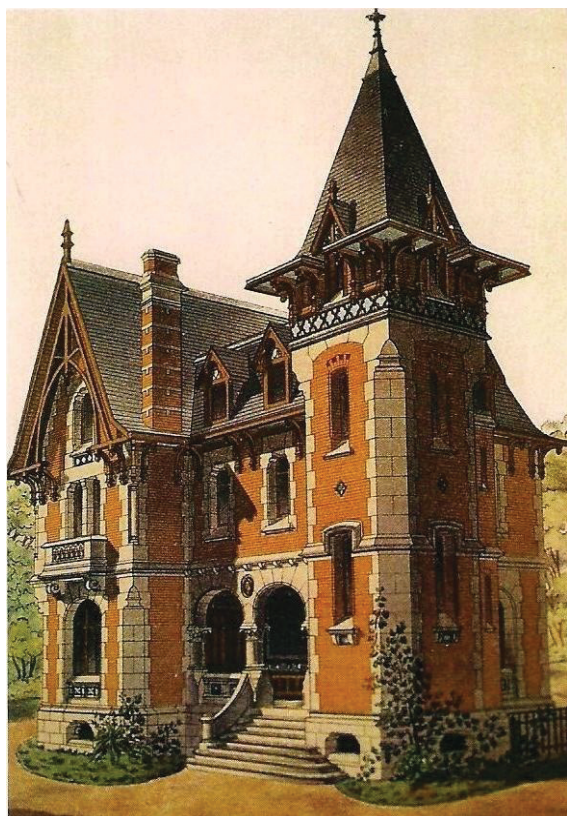


Figura 4 - Villa em Fontainebleau.
Fonte: CHABAT, Pierre, *Victorian Brick and Terra-Cotta, Architecture*, Dover Publications, Inc., 1989, Pl. 137.

verificamos que não é difícil estabelecer semelhanças entre ambas¹⁸ (fig.4). Poder-se-á colocar a hipótese de ter sido o próprio António Figueira a ter interferido no projeto, uma vez que o *brasileiro* e sua mulher faziam frequentes viagens para visitar as filhas que, como mencionamos, estudavam em Fontainebleau.

Em Portugal, país em que a modernidade foi mais uma intenção social e cultural do que um progresso económico, a sociedade francesa do II Império exerceu, tal como no Brasil, uma grande atração sobretudo nos locais onde o cosmopolitismo foi grande, como, por exemplo, Cascais¹⁹.

¹⁷ No século XIX vários desenhadores e litógrafos como Victor Petit, legitimam o *chalet* dentro das arquiteturas cosmopolitas. De facto, nas suas gravuras de casas de campo e de locais pitorescos frequentados por parisienses, o *chalet* aparece como um tipo de construção importante. Cf. PETIT, 1876.

¹⁸ Cf. CHABAT, 1989, Pl.137. Esta publicação reproduz as estampas de dois *portfolios* de 80 estampas cada um, editados no século XIX intitulado *La brique et la terre cuite*.

¹⁹ "Nesses anos do início da Regeneração, a decadência não era aliás exclusiva de Cascais... Tudo estava por refazer ou inventar e, nesse âmbito, Cascais adquiriu um curioso valor simbólico... chegava o tempo glorioso de ser vila de Corte durante os meses de outubro e novembro quando, vinda de Sintra, a família real aí se instalava para a estação de banhos. Era uma vocação muito oitocentista, civilizada segundo valores recentes que tinham os seus avatares míticos na sociedade francesa do II Império – o veraneio tornava-se então uma necessidade social que se democratizava e o seu privilegiado palco rodava do campo para a beira-mar", SILVA, 1988, p.56.

A *villa* Figueira, em Rio Mau, apresenta vários volumes assimétricos, com um número desigual de andares, diferentes vãos e diferentes coberturas (fig.3). A casa sofreu algumas alterações desde o tempo do *brasileiro*, como é o caso do alpendre sul que desapareceu para dar lugar a um corpo fechado (figs.3 e 5). Deu-se ainda uma reconstrução do telhado originando a abertura de diferentes vãos do lado sul da construção e a alteração de outros do lado norte, dado que o atual telhado passou a



Figura 5 - Villa Figueira, Rio Mau. Perspectiva da fachada nascente e sul



Figura 6 - Villa Figueira, Rio Mau – Perspectiva frontal (nascente).

ocupar e a cobrir a área que inicialmente seria, provavelmente, mais um terraço (figs.2 e 3). Neste aspecto o edifício afasta-se da proposta inicial de fruição do seu espaço exterior.

Com um grande número de aberturas de várias configurações quase todas demarcadas por soleiras e ombreiras em cantaria, o edifício abre-se ativo para o jardim que o rodeia, usufruindo-se, ainda hoje, de uma agradável e bucólica paisagem.

Na fachada principal uma torre colocada numa posição mais ou menos central do edifício, é o corpo mais alto, constituído por 4 andares e mirante (fig.3). É aqui, no piso do rés-do-chão deste corpo, que se situa a porta principal de entrada da casa aberta em arco abatido. Uma elegante escadaria formada por um só lanço em forma de leque, conduz-nos até um pequeno alpendre que antecede a porta, formado por quatro colunas de fuste liso com capitéis de folhas de acanto (fig.6).

Um outro alpendre formado por três arcos, sendo o do meio abatido e mais largo que os laterais de arco de volta perfeita, serve de apoio a uma grande varanda com balaustrada, situada no primeiro andar (fig.3).

Dos vários vãos existentes na torre salienta-se o último em que a porta dá para um varandim quadrangular que a circunda e que funciona como mirante. Este belvedere, de onde se desfruta um belo panorama é rematado por uma agulha (fig.3).

No topo do edifício quis o *brasileiro* colocar uma grimpá como símbolo de distinção, recuperando uma antiga tradição²⁰ (fig.3).

A vedação da casa é constituída por um gradeamento e um portão em ferro trabalhado, ladeado de dois pilares coroados por dois vasos de pedra. O gradeamento é apoiado num baixo muro de forma a permitir ao observador uma fácil e integral leitura da casa (fig.3). Esta permeabilidade da vedação provoca impacto no observador, de acordo com as pretensões do proprietário que, numa ambivalência de atitude comum na época à da alta burguesia internacional, pretendia, por um lado, afastar-se do contacto com o espaço público e, por outro, desejava exibir o seu elevado estatuto social.

Conclusão

António Lopes Figueira é um caso paradigmático da diáspora oitocentista realizada com efetivo sucesso. Fez parte de uma burguesia possidente para quem o esforço e o trabalho associados à valorização da cultura e educação, são geradoras de êxito. Este sucesso traduziu-se nas casas que construiu, indicadoras por excelência do cosmopolitismo adquirido nas viagens efetuadas por vários países e que exprimem tendências e modas de então²¹. Viveu numa época em que as construções, tanto em Portugal como no Brasil, atestavam os padrões europeus da época, sendo evidentes as influências francesas. O projeto para a construção das suas casas, imbuído de eclétismo²², veio de França, como tivemos oportunidade de afirmar ao longo do texto, apresentando-se como uma obra de autor. Este facto reforça a ideia de vários autores que afirmam que no Brasil o eclétismo se apresentou sob dois aspectos distintos, o

²⁰ Embora já fosse utilizada na Grécia, é na Idade Média que este elemento começa a ter grande difusão utilizando-se como remate das torres das igrejas. Simultaneamente orientador e ornamental, era utilizado não só nas edificações eclesíásticas e militares, mas também nas edificações nobiliárias como sinal de nobreza, constituindo-se assim como privilégio senhorial. Cf. VIOLLET-LE-DUC, 1863, pp.28-29.

²¹ "Tratava-se de uma época que olhava a arquitetura como uma aplicação de modas, onde se combinavam vários formulários estilísticos segundo esquemas académicos e ecléticos". PEIXOTO, 2013, p. 50.

²² O eclétismo foi conciliador na medida em que integrou vários estilos históricos. Cf. REIS FILHO, 1987, p.182.

erudito e o popular, ligando-se ao primeiro arquitetos estrangeiros e ao segundo os mestres-de-obras²³.

O projeto das casas de António Figueira é o espelho de que o desejo, a regra e o tempo são processos chave na concretização de uma edificação.



²³ Cf. LEMOS, 1979, pp.117-118.

REFERENCIAS

- ALLENSPACH, Christoph. **Bâtir aux XIX^{ème} et XX^{ème} siècles**. Zurich: Pro Helvetia Documentation-Information-Press, 1999
- ARAGÃO, Solange de “Tipologia edificatória em sobrados e mocambos de Gilbert Freyre” in **Revista Pós V.16 N.25**. S. Paulo: Junho 2009
- CHABAT, Pierre. **Victorian Brick and Terra-Cotta Architecture**. Mineola: Dover Publications, 1989
- EUDES, Campos. Chalets paulistanos. In: **Anais do Museu Paulista**, V.16 N.1. São Paulo: Jan./Jun. 2008
- FERREIRA, Monsenhor José Augusto. **Villa do Conde**. Porto: Impr. Ilustrada Marques Abreu, 1928
- FOCILLON, Henri. **Arte do Ocidente. A idade média românica e gótica**. Lisboa: Estampa, 1980
- GUSMÃO, Artur Nobre. **Românico Português do Noroeste**. Lisboa: Nova Vega, 1992
- HITCHCOCK, Henry-Russel. **Arquitectura de los siglos XIX y XX**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A, 1993
- LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria Burguesa**. S. Paulo: Nobel, 1985
- LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura Brasileira**. S. Paulo: Melhoramentos; Ed. da Universidade de S. Paulo, 1979
- LEMOS, Carlos A. C. O Ecletismo. In CIVITA, Vítor (dir.). **Arte no Brasil (séc. XVI-XIX)**, Vol. II. S. Paulo, Abril Cultural, 1979
- HOMEM, M. Cecília Naclério. **O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira (1867-1918)**. S. Paulo: Martins Fontes, 1996
- PEIXOTO, Paula Torres. **Palacetes de Brasileiros no Porto (1850-1930)**. Do estereótipo à realidade. Porto: Edições Afrontamento, 2013
- PETIT, Victor. **Maisons de Campagne des environs de Paris**. Paris: Chez l’auteur, 1876
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 6ª. ed., S. Paulo: Perspectiva, 1987
- SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Instituto de Arquitetura no Brasil, 1981
- SILVA, Martins; ARÊAS, Vicente (dir.). **Ilustração Nacional**. Nº 2. Póvoa de Varzim: Julho de 1919
- SILVA, Raquel Henriques da. **Cascais**. Lisboa : Editorial Presença, 1988
- VERNES, Michel. **Le chalet infidèle ou les dérives d’une architecture vertueuse et de son paysage de rêve**. In **Revue d’histoire du XIXe siècle**, 2006

VIOLLET-LE-DUC, Eugène. **Dictionnaire Raisoné de l'Architecture Française du XIe au XVIe siècle**. T .VI: B. Bance Éditeur, 1863